

APRENDER EM TEMPOS DE PANDEMIA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA NAS AULAS REMOTAS

LEARNING IN TIMES OF PANDEMIC: STORYTELLING AS A PEDAGOGICAL POSSIBILITY IN REMOTE CLASSES

CASTRO, Carolina do Carmo.

Resumo: A contação de histórias se faz necessária no contexto escolar, pois possibilita à criança estar em contato com obras literárias que substanciam as várias possibilidades de apreensão da cultura socialmente acumulada pela humanidade desde o surgimento da escrita. Por saber disso, o principal problema deste estudo foi discutir como a literatura, por meio da contação de histórias, pode contribuir no processo de ensino aprendizagem das crianças no período de aulas remotas. Destarte, o objetivo central deste artigo foi discorrer sobre a importância da contação de histórias nos primeiros anos do ensino fundamental por meio de ações realizadas por bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência-PIBID, na cidade de Itaberaí-GO. A COVID-19¹, provocada pelo novo Coronavírus, cujas consequências sucederam o isolamento e as aulas remotas para as turmas de alfabetização, revelou que o cotidiano escolar mudou, estabelecendo novos ritmos para milhões de estudantes que aprenderam ou não a ler e a escrever isolados. A partir da temática alfabetização, que norteia o planejamento das ações a serem realizadas na escola parceira do projeto, verificou-se que a contação de história por meio da gravação de vídeos realizadas pelas bolsistas do PIBID seria uma alternativa pedagógica para estimular o gosto pela leitura e escrita durante as aulas remotas, visto que, a partir de autores como BARBOSA (1992), COELHO (2000), FREIRE (2005), SOARES (2012), verifica-se que a imersão da criança na leitura e literatura auxilia no desenvolvimento da linguagem, autonomia e visão crítica enquanto sujeito. **Palavras-chave:** leitura. alfabetização. pandemia. PIBID.

Abstract: Storytelling is necessary in the school context, because it allows children to be in contact with literary works that substantiate the various possibilities of apprehension of the culture socially accumulated by mankind since the emergence of writing. Knowing this, the main problem of this study was to discuss how literature through storytelling can contribute to the teaching-learning process of children in the remote classroom period. Thus, the main goal of this article was to discuss the importance of storytelling in the early years of elementary school through actions taken by scholarship students of the Programa Institucional de Iniciação à Docência-PIBID in the city of Itaberaí-GO. The COVID-19² caused by the new Coronavirus, whose consequences succeeded isolation and remote classes for literacy classes revealed that everyday school life changed, setting new rhythms for millions of students who did or did not learn to read and write in isolation. Based on the literacy theme that guides the planning of the actions to be carried out in the project's partner school, it was found that storytelling through video recordings made by the PIBID scholarship students would be a pedagogical alternative to stimulate the taste for reading and writing during remote classes, since authors such as BARBOSA (1992), COELHO

¹ Vírus denominado SARS-CoV-2, identificado em Wuhan-China, que causou a pandemia da COVID-19.

² Virus called SARS-CoV-2, identified in Wuhan-China and caused the COVID-19 pandemic.

(2000), FREIRE (2005), SOARES (2012) state that the children's immersion in reading and literature helps the development of language, autonomy, and critical vision as a subject.

Keywords: reading. literacy. pandemic. PIBID.

1 INTRODUÇÃO

Para discutir a respeito da contação de histórias e alfabetização no ambiente educacional, é preciso primeiro compreender o contexto histórico acerca do assunto em questão. É certo que ao longo dos anos a prática da contação de histórias nas escolas cresceu consideravelmente e continua nessa crescente.

Atualmente, existem nas escolas inúmeros livros com temas diversificados, os quais contemplam o interesse de todos os gêneros, porém essa preocupação em contar histórias para as crianças nem sempre foi assim. Até por volta do século XII não existiam livros destinados às crianças e as histórias que elas ouviam eram sempre contadas por intermédio de um adulto, portanto, com linguagens e expressões adultas. Por esse motivo, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, o sentimento de infância não existia nessa época. Sobre isso, Ariès (2012) revela que:

Sob a influência desse modo clima moral, surgiu uma literatura pedagógica infantil distinta dos livros para adultos. Entre a massa de tratados de civilidade redigidos a partir do século XVI, é muito difícil reconhecer os que se dirigiam aos adultos e os que se dirigiam às crianças. Essa confusão se explica por questões ligadas à estrutura da família e às relações entre a família e a sociedade (ARIÈS, 2012, p. 92).

Somente em meados do século XVIII é que a essência da criança passa a ser representada, nesse momento se descobre o sentimento de infância. Os livros passam a ter conteúdos e linguagens próprias para elas e a escola ganha enorme importância no processo de aprendizagem da leitura.

Nos dias de hoje, há uma grande variedade de obras e nota-se uma preocupação ainda maior com os conteúdos dos livros, sobretudo que sejam destinados às crianças de acordo com sua faixa etária.

Em virtude disso, a instituição de ensino é o elemento fundamental para a introdução da leitura. É por meio da escola que acontece a alfabetização, cujo principal responsável é o

professor, mediador desse processo e que deve incluir métodos que destaquem a importância dos livros no meio social, de forma a contribuir com a formação de leitores.

Nesse contexto, o docente é quem cria o caminho para simplificar a aprendizagem, mas para isso é importante que ele seja um pesquisador e conheça as necessidades das crianças. Sobre isso, Barbosa (1992) afirma que:

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno aprender a ler (BARBOSA, 1992, p. 137).

Conforme o autor, é necessário que o professor estude o assunto que será abordado com a sua turma e crie estratégias para facilitar a aprendizagem da leitura. Desse modo, é essencial respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um e abrir caminhos para tornar esse processo mais simples. Sobre isso, Freire (2005) cita que:

Daí que sempre tinha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 2005, p. 20).

O autor, portanto, enfatiza que o aluno tem que ser compreendido por meio da sua própria linguagem e do contexto no qual se insere, porque assim ele se sente à vontade para expressar o seu real desejo. Apesar do incentivo e da evolução da literatura para as crianças, percebe-se pouco exercício de leitura, em geral, a população quase não lê, sobretudo os adultos que foram desmotivados e pouco estimulados em sua trajetória escolar.

Durante a pandemia, percebeu-se que, devido ao isolamento e afastamento das crianças da escola, a alfabetização ficou extremamente prejudicada. A partir de diversas realidades educacionais, econômicas e socioculturais, KRENAK (2020) revela que a COVID-19 e seus desdobramentos expõem uma educação pautada na universalização de saberes, que sempre excluiu e nunca foi neutra, pois atende necessidades capitalistas e reafirmam as

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

desigualdades, assim como a pandemia. Santos (2020, p. 15) reafirma tal posicionamento ao revelar que: “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo”.

Diante desse contexto, com o intuito de auxiliar a Escola Municipalizada Modestina Fonseca durante as aulas remotas no período de pandemia, verificou-se que o momento de leitura poderia se tornar divertido, a partir da contação de histórias, em que as bolsistas, utilizando cenários temáticos, fantoches, palitoches e músicas contribuiriam com o momento intitulado “Curtindo a leitura”, ao produzirem vídeos semanais contando histórias de diferentes gêneros textuais.

Para que a ação fosse realizada, a revisão bibliográfica se tornou importante, pois permitiu compreender o que já foi escrito sobre os temas relacionados à leitura, literatura, contação de histórias, alfabetização e como elas andam juntas no processo de ensino aprendizagem das crianças.

Convém salientar que a metodologia utilizada nesse estudo foi a pesquisa bibliográfica, a partir da leitura em livros e artigos científicos, os quais colaboraram com a temática supracitada. A partir das ações do Subprojeto PIBID/Alfabetização, verificou-se que a temática leitura, literatura e contação de histórias foi melhor compreendida pelas bolsistas, além de permitir reflexões sobre sua importância e contribuição para a alfabetização, visto que, enquanto ação pedagógica durante a pandemia, as bolsistas criaram vídeos com histórias infantis que fazem parte do repertório cultural das crianças. Os vídeos foram exibidos no grupo de WhatsApp da escola parceira, a fim de aproximar os estudantes do processo educativo de maneira divertida e demonstraram o quanto a leitura pode ser prazerosa.

2 LEITURA: O QUE É?

A leitura é um diálogo entre o leitor e o objeto, que permite sentir emoções distintas tais como: prazer, nostalgia, felicidade e, principalmente, a reflexão. Ler não significa apenas decodificar frases e textos é, sobretudo, a leitura que se faz do mundo (FREIRE, 1996). Ela é proposta desde o nascimento, a partir do meio no qual se está inserido. Por isso, saber ler vai muito além do que um instrumento de poder, a leitura é algo fundamental que permite análise, autonomia, bem como a emancipação do indivíduo.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

Além disso, é um processo de aprendizagem que proporciona a compreensão da linguagem relacionada a textos, quadrinhos, poemas e, principalmente, à escrita. Isto é, a leitura habitual aumenta o vocabulário e aperfeiçoa a ortografia. Portanto, a leitura, em seu conceito, é um diálogo entre o leitor e o objeto lido, como dito acima, está presente fundamentalmente na escrita e quem a faz é capaz de decifrar os seus códigos. Sobre a definição da leitura Martins (2012) cita:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um *processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem*. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressões do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 2012, p.30, grifos do autor).

Logo, a autora define leitura como a interpretação da linguagem seja ela formal ou por meio de símbolos. Por exemplo, o indivíduo que consegue decifrar o Código Morse, fez a leitura desse código. Portanto, essa é a compreensão de qualquer linguagem transmitida. Além disso, o ato de ler permite ao leitor viajar no tempo, com histórias contadas por pessoas que viveram em determinadas épocas e são capazes de narrar sobre a perspectiva de quem presenciou fatos históricos.

Freire (1996), em sua contribuição para o entendimento e, sobretudo, para a conceituação da leitura, salienta que esta é feita anterior ao ato de ler. Isso acontece porque, segundo ele: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

A leitura do mundo, então, é feita antes mesmo de aprendermos a ler frases e textos. Ela é efetuada de maneira empírica, a linguagem se faz presente em todas as nossas vivências de forma concreta. Por isso, para o autor, antes da compreensão do texto, é preciso a análise do conjunto.

Portanto, cabe ressaltar que a leitura é um processo que permite ao leitor conhecer diferentes culturas e maneiras distintas de escrita, seja ela o elemento crucial na diminuição de preconceitos linguísticos, que surgem em meio à sociedade por aqueles que não têm informação

e desconhecem as diversificadas formas de linguagens. O interesse e a busca são essenciais para o conhecimento de novas línguas.

Além da busca por novas linguagens, quem lê precisa conhecer a respeito do objeto, atentar para suas finalidades e as pretensões do autor, assim a compreensão da leitura será mais significativa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) definem leitura como:

Processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compressão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência (BRASIL, 1997, p. 53).

A prática da leitura não deve ser feita de forma banal, é necessário que o leitor crie estratégias para a compreensão do que foi lido, as quais envolvem escolhas prévias. Ademais, esse processo não deve ser feito de qualquer maneira, ou seja, às pressas, é preciso competência por parte de quem lê. A leitura é o eixo central que proporciona o enriquecimento da escrita, pois articula a relação entre o quê, e de que forma escrever.

Além disso, esse exercício aumenta a capacidade de interpretação do sujeito, o qual se torna capaz de melhor desenvolver questões que diz respeito à matemática. Entende-se matemática como um componente curricular complexo, cheio de regras complicadas, porém a base desse estudo é a interpretação e o aprimoramento da capacidade de interpretar surge por meio da leitura, onipresente na educação, pois está em todas as áreas do conhecimento humano.

2.1 A relevância do ato de ler

A partir das análises sobre o conceito de leitura, feitas por intermédio de diferentes autores, discute-se a respeito da importância prática da leitura na construção social, bem como para a aprendizagem. A prática da leitura é essencial no processo de alfabetização, o indivíduo

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, ao contrário daqueles que são analfabetos e, portanto, não dispõem dessa técnica.

A alfabetização começa a partir da convivência com outras pessoas, possibilita a resolução de problemas e faz relação entre os contextos vivenciados, que são formas de leituras prévias do indivíduo. Desse modo, a leitura do mundo garante a autonomia para a introdução da leitura da palavra.

O ponto de partida fundamental para o sujeito, entretanto, é o desejo e a curiosidade de aprender a ler e escrever, isto é, ser alfabetizado. A leitura contribui para o desenvolvimento de várias habilidades na criança, aspectos tais como criatividade, raciocínio lógico, senso crítico e, sobretudo, aprimoramento de seu vocabulário, são alguns dos fatores que enfatiza a relevância do ato de ler. Soares (2012) em sua contribuição sobre a importância da leitura diz:

Ler estende-se desde habilidades de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar sentido de um texto escrito; (...) e ainda habilidades de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações (SOARES, 2012, p. 31).

Nesse sentido, o sujeito que tem o hábito de ler dispõe de conteúdos abrangentes e consegue interagir melhor com o meio social. É capaz de perceber o que está escrito nas entrelinhas de um texto, extrair sentido daquilo que leu, dar seu posicionamento e refletir a respeito do assunto. Possibilita também compreender os acontecimentos do tempo, seja ele passado, presente ou futuro.

Com isso, destaca-se a leitura não apenas como um instrumento de decodificação de textos e palavras, mas como uma ferramenta que proporciona experiências distintas. Para Martins (2012), existem três tipos de níveis de sentidos concedidos por meio do ato de ler: sensorial, emocional e racional.

A leitura sensorial, segundo Martins (2012), está relacionada com os sentidos humanos. Assim, o tato, que diz respeito ao contato físico do sujeito com o instrumento, ou seja, com o livro, refere-se à ação de folhear, à percepção de texturas do objeto.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

O olfato está relacionado ao cheiro dos livros. Muitas vezes os livros antigos apresentam um determinado cheiro específico, assim como acontece com aqueles impressos recentemente. Esse cheiro desperta no indivíduo suas memórias afetivas.

O sentido da audição é um elemento importante, pois percebe-se que, se houver respeito aos sinais de pontuação, acentuação e entonação, haverá também a melhor compreensão dos textos. Já o sentido da visão permite relacionar imagens e conteúdos, relacionar entre o que foi lido com o mundo pessoal. Desse modo, segundo Martins (2012, p. 42), “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume e cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas”.

Já a leitura emocional está ligada ao estado de espírito de cada um, isto é, por meio dela o indivíduo pode ter diferentes sensações dentre elas, felicidade, tristeza, nostalgia, entre outras.

A leitura racional diz respeito ao conhecimento, está intrinsecamente ligada à leitura sensorial e emocional, o sujeito, devido à reflexão que faz por meio do livro, questiona a si mesmo e ao mundo.

Dessa forma, nota-se que existem diferentes formas de se pensar e de se entender o conceito de leitura, assim como há explicações distintas que destacam a importância do ato de ler; é preciso considerar todas em suas peculiaridades para relacioná-las com a formação do indivíduo. Coelho (2000) cita:

Em relação a essa formação, pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as idéias, a imaginação), exatamente aquilo distingue ou define a *especificidade do humano*. Além disso, sua eficácia como instrumento de *formação do ser* está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a *leitura*. (COELHO, 2000, p. 10, grifos do autor).

Segundo a autora, literatura é uma arte exclusiva do ser humano, é o instrumento de formação de valores éticos, estéticos e culturais do indivíduo. Essa virtude de formação do sujeito está relacionada com as suas interações sociais.

Apesar da relevância de se discutir a leitura e a escrita no processo de alfabetização, esta vai muito além desses dois critérios. Alfabetizar significa, sobretudo, se inserir na cultura

contemporânea e criar possibilidades para transformá-la, visto que a escola, o professor e a família são os mediadores desse processo.

2.3 Leitura e alfabetização nas instituições de ensino

Apesar do incentivo e da evolução da literatura infantil, percebe-se pouco exercício de leitura, em geral, a população quase não lê, sobretudo os adultos que foram desmotivados e pouco estimulados na infância, no período de alfabetização. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2017, 44% da população não praticava a leitura e 30% nunca comprou um livro, desses 11,8 milhões são analfabetos. Isso acontece por diferentes motivos, alguns deles são: desigualdade social, desigualdade cultural e o que a linguística “atribui a deficiências culturais e linguísticas da criança das camadas populares o seu fracasso na escola” (SOARES, 2002, p. 31). Essas desigualdades acarretam o, já dito, fracasso escolar, e são fatores que colaboram para a falta do hábito da leitura.

Portanto, para diminuir esse índice é necessário o trabalho da escola, dos professores, bem como da família, cuja finalidade seja desenvolver um projeto em conjunto para uma prática mais eficaz da leitura. Essas atividades nas instituições acontecem por meio da leitura, em que o professor e o aluno leem juntos, tiram suas próprias conclusões em parceria; outra, seria aquela em que o aluno a realiza em voz alta para expor sua compreensão daquilo que leu. Essa prática desenvolve na criança o espírito de liderança e contribui para a diminuição da timidez.

Os momentos culturais realizados na escola ajudam também na leitura, pois trabalham a exposição ao público e, quando são realizados com frequência, suscitam costume com esse tipo de situação. Esse processo é fundamental para a construção do caráter e, sobretudo, da formação pessoal do indivíduo, que tende a crescer sem receios ou medo de abordar suas opiniões.

A literatura infantil no Brasil teve como principal influenciador Monteiro Lobato com obras como: *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933), e o grande clássico *O Pica-pau Amarelo* (1939). Lobato foi o precursor desse universo no Brasil, suas obras apresentam uma linguagem peculiar que, até hoje, agrada seu público, além de ser uma grande referência para os educadores no desenvolvimento de suas aulas.

As obras de Monteiro Lobato reúnem grandes personagens que influenciaram e ainda influenciam o universo infantil como o menino Pedrinho, a menina Narizinho, o Visconde, o Saci, a Dona Benta - uma personagem importante, principalmente tratando-se do tema em questão, já que é uma incentivadora da leitura; além da protagonista Emília, fundamental no processo de construção do leitor crítico, uma vez que é uma personagem extremamente questionadora. O questionamento é apontado por Paiva (2010):

Outro elemento que contribui para que se construa tal concepção de leitura são as perguntas que, frequentemente, são feitas após a leitura. Em muitos casos, conforme salienta Marcuschi (2001), são raras as questões de compreensão que levam a reflexões críticas sobre o texto, o que contribuiria para ampliação dos significados do que foi lido. Dessa forma, aprende-se que ler é apenas localizar informações explicitamente colocadas no texto (PAIVA, 2010, p. 70).

O indivíduo que consegue ler e tirar suas próprias conclusões e questionamentos do texto é um leitor crítico e é essa formação de pessoas que os professores almejam, já que a ele é designado o papel de provocar na criança o desejo de aprender, aguçado, principalmente, por meio das práticas que ele realiza.

Os professores que se preocupam com seus alunos criam uma reciprocidade que ultrapassa as linhas de educador e educando, uma vez que o aluno aprende com o professor, da mesma forma com que o professor aprende com seu aluno. Por esse motivo, é válido salientar que as práticas da leitura não devem ser feitas de forma banal. Para que isso não ocorra, o instrumento essencial para o desenvolvimento da chamada práxis é a realização do planejamento. Sobre o conceito de planejar cita Vasconcellos (2014):

Para estabelecer um referencial de comunicação, esboçemos inicialmente um conceito: planejar é **antecipar** mentalmente **uma ação a ser realizada** e **agir** de acordo como previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal. (...). Re-significar o planejamento para o sujeito implica resgatar sua necessidade e possibilidade, em dois níveis: um mais específico da atividade de planejar (VASCONCELLOS, 2014, p. 35, grifos do autor).

O ato de planejar garante ações pré-estabelecidas que podem auxiliar os professores no cotidiano em sala de aula. Isso evita situações inusitadas e por esse motivo é um dever

estabelecido por lei, conforme afirma a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) “elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino” (art. 13,11). Assim, espera-se que todas as escolas realizem essa prática, em conjunto com o processo de avaliação, ou seja, as ações realizadas pelo professor a partir do seu planejamento e executadas pelos alunos vão determinar o método avaliativo.

3 PIBID E PANDEMIA: ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS REMOTAS

A pandemia trouxe inúmeros desafios, como o distanciamento social para a preservação de vidas, isso provocou a criar possibilidades de adaptação para a execução de atividades do Subprojeto intitulado: Prática pedagógica de linguagem, literacia e numeracia no processo de alfabetização, sem o contato presencial para as crianças que estão em processo de alfabetização, já que ao ser elaborado em 2019, todas as atividades contemplavam momentos presenciais.

Para facilitar o acesso ao ensino pelos alunos, a escola parceira na cidade de Itaberaí elencou como meio principal de interação o uso do aplicativo WhatsApp para organização do trabalho pedagógico. A partir da criação do grupo de WhatsApp com os contatos dos responsáveis das crianças eram disponibilizadas atividades para que os alunos realizassem e enviassem a foto para que a professora realizasse a correção.

Após observações no grupo de WhatsApp e levantamentos com a equipe pedagógica da escola parceira do PIBID acerca de como as bolsistas do projeto poderiam contribuir com as ações pedagógicas e o desenvolvimento dos alunos, foram realizados estudos sobre a temática do Subprojeto que apontaram a importância da leitura e literatura no processo de aprendizagem.

Nas aulas remotas, notou-se que as professoras regentes da unidade escolar já tentavam desenvolver aulas diferenciadas, em vista disso a contribuição das bolsistas consistiu na execução da temática leitura e literatura por meio da contação de histórias.

A partir da rotina estabelecida pela professora no momento de leitura no grupo de whatsapp, era exibido um vídeo com a contação de histórias realizada por uma bolsista. Notou-se que a cada vídeo exibido os professores se motivavam a propor aulas mais dinâmicas e

diferenciadas, o que certamente contribuiu com esse período em que as aulas estão sendo acompanhadas pelos alunos em sua casa. Afinal, o que se esperava ser uma medida paliativa e passageira, persistiu por quase dois anos, o que estava se tornando cansativo e desmotivador para muitas crianças. Por isso a contação de histórias por meio dos vídeos acabou foi uma ideia que estimulou e incentivou práticas diferenciadas para atrair a atenção dos alunos.

Atualmente, o cenário indica um retorno gradativo dos alunos à unidade escolar, que, aos poucos, retomam as aulas presenciais na escola, com a preocupação e cuidado, pensando na segurança e bem-estar de todos (alunos, funcionários e famílias). Visto que estão envolvidos nesse processo direta e indiretamente, é possível dar continuidade à ação de leitura e literatura na turma de alfabetização com a participação das bolsistas, agora presencialmente.



Figuras 1 e 2. Bolsistas do PIBID contando histórias para os estudantes do 2º ano da escola parceira

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todo sofrimento, a pandemia proporcionou uma multiplicidade de estratégias e dispositivos para o aprender-ensinar as crianças a ler e a escrever. A partir da exibição dos vídeos criados pelas bolsistas do PIBID no grupo de WhatsApp do 2º da Escola Municipalizada Modestina Fonseca, verificou-se quanto as crianças foram receptivas com a contação de histórias. A cada vídeo postado os estudantes interagiam com as bolsistas, faziam o relato da história por meio de vídeos ou gravavam áudios relatando a parte da história de que mais gostaram. Fizeram também desenhos, dobraduras de papel e, em alguns momentos, escolheram como gostariam que terminasse a história.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

A contação de histórias para as crianças na turma do 2º ano, como apresentado aqui, é mais que oferecer histórias para as crianças. É um campo de possibilidades que se liga com os conhecimentos prévios que as crianças já trazem a partir do seu contexto cultural, com sua visão ativa e suas capacidades que ainda estão em formação.

A partir das observações no grupo de WhatsApp verificou-se o quanto é importante a função do adulto no contexto das aulas remotas, visto que os pais ou responsáveis que participavam das reuniões, conseguiam incentivar as interações dos seus filhos no reconto das histórias, na gravação de áudios e vídeos sobre as histórias exibidas pelas bolsistas e na realização das atividades propostas. A escola, juntamente com a família, tem a responsabilidade de construir o indivíduo para que seja crítico, reflexivo e autônomo. Portanto, é preciso estimular, sobretudo, a construção de um bom leitor, pois a leitura é a mola propulsora da escrita, ambas, leitura e escrita, elementos essenciais no processo de alfabetização.

As pesquisas para a realização deste artigo demonstraram que é necessário ter a consciência de que a prática, bem como o hábito da leitura depende de vários fatores que compõem o indivíduo como seus costumes e cultura, sua condição socioeconômica, entre outras.

Logo, cabe ao professor criar estratégias para alcançar todos, com o único objetivo, a aprendizagem. Destaca-se que este estudo não tem o objetivo de esgotar as discussões sobre o tema, mas, além de ajudar a entendê-lo, ampliar possibilidade de novas discussões.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, DF, 1997.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê PIBID UEG (2020 – 2021): desafios e experiências na educação básica em tempos de pandemia.

ISSN 1984-6576.

E-202229

COELHO, Nelly Novaes. **Leitura infantil:** teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** Em três artigos que se completam. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. **Literatura:** ensino fundamental. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina S.A., 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino- Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização. 24. ed. São Paulo: Libertad, 2014.